

**LINDOLFO ROCHA: SERTANEJO E ROMANCISTA - UM ESCRITOR
“ESQUISITAMENTE ESQUECIDO”**

**Júnia Tanúsia Antunes Meira¹
Ivana Ferrante Rebello e Almeida²**

RESUMO: Alguns excelentes escritores de Minas Gerais têm uma trajetória literária pouco conhecida, apesar do seu grande valor e da vasta lista de outros conterrâneos que figuram como expoentes da produção literária brasileira. Um desses nomes esquecidos é Lindolfo Rocha. Ele, junto a Afrânio Peixoto, Hermam Lima e Heberto Sales, insere-se na tradição literária regionalista surgida em 1890 com os trabalhos de Coelho Neto, Afonso Arinos e Valdomiro Silveira. Poucos estudos problematizaram a produção desse escritor e um dos mais densos foi *O homem de Maria Dusá* (1953), escrito por Nilo Bruzzi. Entretanto, ainda não foi suficiente para tornar conhecido o legado de Lindolfo Rocha. Considerando esse contexto, o presente trabalho objetiva ampliar a visibilidade do autor da obra *Maria Dusá* (1910), para que o mesmo encontre um jeito legítimo de ser acolhido pela comunidade de leitores. Nessa pesquisa bibliográfica, apoiada em teorias de autores como Antonio Candido (2000), Alfredo Bosi (1973), Nelson Werneck Sodré (1969), Nicolau Sevcenko (1983), Epitácio Pereira de Cerqueira (1995), Múcio Leão (1953) e Nilo Bruzzi (1953), busca-se ao fim uma reflexão sobre a necessidade de novas leituras de autores que, como Lindolfo Rocha, foram segregados das salas de aula ou das bibliotecas.

PALAVRAS-CHAVE: Lindolfo Rocha; *Maria Dusá*; escritores de Minas Gerais.

ABSTRACT: Some great writers from Minas Gerais have a little-known literary trajectory, despite their great value and the wide range of other fellow citizens that appear as exponents of Brazilian literature. One of these forgotten names is Lindolfo Rocha. He, along with Afrânio Peixoto, Hermam Lima and Heberto Sales, is part of the regionalist literary tradition which emerged in 1890 with the works of Coelho Neto, Afonso Arinos and Valdomiro Silveira. Few studies have problematized the production of this writer and one of the densest was *Homem de Maria Dusa* (1953), written by Nile Bruzzi. However, it was still not enough to make known the legacy of Lindolfo Rocha. Considering this context, this work aims to increase the visibility of the *Maria Dusa* (1910) author's, for him to find a legitimate way of being received by the community of readers. In this bibliographic research guided by theories of authors such as Antonio Candido (2000), Alfredo Bosi (1973), Nelson Werneck Sodré (1969), Nicolau Sevcenko (1983), Epitácio Pereira de Cerqueira (1995), Múcio Leão (1953) and Nilo Bruzzi (1953), seeks to reflect on the need for new readings of authors who have not yet found space in classrooms and libraries, as Lindolfo Rocha.

KEYWORDS: Lindolfo Rocha, *Maria Dusá*, writers from Minas Gerais.

¹ Mestra em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: juniatanusia@yahoo.com.br

² Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Professora efetiva da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Membro do Mestrado em Estudos Literários da UNIMONTES. E-mail: ivanaferrante@hotmail.com

Diamante bruto do norte de Minas, pelos ínvios caminhos de tropas, vai para o sertão da Bahia. É menino ainda. É pobre. É humilde. É mestiço. É pobre, mulato e só. Como o diamante é lapidado através do mesmo diamante, e para se tornar brilhante é polido com o pó que dele se desprende – Lindolfo Rocha vai ser um valor através somente de Lindolfo Rocha.

Nilo Bruzzi, *O homem de Maria Dusá*

A literatura mineira é reconhecida por sua abundante produtividade literária, desde o período de formação da literatura brasileira, quando Minas Gerais aparece nacionalmente com Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, até a contemporaneidade, quando nomes como Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa projetam-na a patamares que, em nível de estética e publicização, são difíceis de serem superados.

Mesmo sendo vasta a relação de nomes mineiros que figuram no cenário da literatura nacional como expoentes na produção literária brasileira, ainda assim, alguns escritores mineiros têm a sua trajetória literária pouco conhecida, como parece ser o caso do escritor Lindolfo Rocha. O hiato encontra muitas explicações; a maior parte com respaldo na distância geográfica de certas cidades mineiras aos grandes centros de consumo e nas questões, sempre problemáticas, que dizem respeito ao estabelecimento do cânone literário, com todas as suas especificidades.

Independentemente de tais questões, os estudos literários se voltam atualmente para a revisão de alguns conceitos. Além disso, e não menos importante, já se toma como necessário o estabelecimento de outros cânones para autores segregados das salas de aula e bibliotecas encontrarem um jeito legítimo de circularem e serem lidos.

Determinadas circunstâncias, como a localização geográfica, os meios de distribuição e as condições dessa distribuição podem interferir na forma como um autor é lido ou recebido em sua época. O escritor Lindolfo Rocha e suas obras foram relegados ao esquecimento na nossa literatura, figurando como um nome quase desconhecido no cenário da literatura de Minas Gerais e da brasileira. Pouco se ouviu falar dele, quando menos algumas notas esmaecidas da crítica se veem. Raras são as menções encontradas sobre esse escritor mineiro, as quais ainda lhe dedicam poucas notas, como nos estudos de Massaud Moisés, Alfredo Bosi, Lúcia Miguel-Pereira e Afrânio Coutinho.

O primeiro a se lançar ao estudo crítico da obra de Lindolfo Rocha foi Aloísio de Carvalho Filho. Também dedicaram alguma atenção ao legado do escritor de Grão-Mogol os estudiosos Rocha Múcio Leão e Afrânio Coutinho. Todavia, um dos trabalhos mais densos sobre Lindolfo Rocha é *O homem de Maria Dusá* (1953), do pesquisador Nilo Bruzzi. Bruzzi

afirma em seu livro que foi o forte interesse pela expressiva figura do escritor mineiro, provocado pelo também escritor Múcio Leão, que o levou a empreender-se numa laboriosa pesquisa sobre o autor de *Maria Dusá*, um homem “esquisitamente esquecido”.

Sobre Rocha, Múcio Leão observa que “[...] ele é um desses numerosos autores brasileiros que dormem no limbo, sem biografia completa” (LEÃO, 1953, p. 13). Numa carta direcionada a Bruzzi, publicada no livro *Lindolfo Rocha* (1953), ele faz a seguinte proposta ao amigo:

A você, principalmente, meu caro Nilo Bruzzi, é que eu quero dirigir esta mensagem. Você nasceu em Minas, mas viveu longos anos no Espírito Santo, e, por isso, ficou pertencendo um pouco aos dois estados. É um caso muito parecido com o de Lindolfo Rocha (LEÃO, 1953, p. 16).

E logo adiante, na mesma publicação, deixa um apelo incisivo a Bruzzi³:

[...] você, meu caro Nilo Bruzzi, é um infatigável rastreador dessas biografias incompletas, como o mostrou em descobrir tanta coisa nova da existência do nosso amável e triste Júlio Salusse, e sobretudo nos revelar tantos documentos inéditos que interessam a reconstrução da vida e da figura de Casimiro de Abreu.

Não quererá você tomar a si o estudo dêsse tão esquecido, desse tão interessante comprovinciano seu, que é Lindolfo Rocha? (LEÃO, 1953, p. 16-17).

Assim, e conforme declara Bruzzi em seu livro: “A semente da curiosidade, espalhada por Múcio Leão no meu canteiro, começou a germinar” (BRUZZI, 1953, p. 7).

Insisto que investigar sobre o autor, a exemplo do que ocorreu com Bruzzi, torna-se um elemento tão essencial a este trabalho quanto analisar a sua obra ficcional. Não se pode, nesses casos, separar o homem de sua obra, mormente por que não se sabe, claramente, se foi o homem provocador do descaso sobre seu produto literário, em seu tempo – como ocorreu com os escritores Cruz e Souza e Lima Barreto, por exemplo, ambos dotados de um talento inquestionável –, ou se devido ao fato de sua literatura ser mesmo desprovida de maiores qualidades, o que decretaria definitivamente seu esquecimento. Assim, o primeiro passo encetado na busca de informações sobre a obra e o autor teve em Nilo Bruzzi sua fonte mais abundante, como não poderia deixar de ser.

Para reconstruir a trajetória literária de Lindolfo Rocha, Bruzzi empreendeu uma incansável peregrinação investigativa com um “tom sépia sempre predominando” (BRUZZI, 1953, p. 08). Além das pesquisas em bibliotecas públicas, faculdades e jornais, recorreu a

³ Em respeito à literalidade das transcrições, optou-se aqui por manter a grafia original nas citações diretas.

conversas com baianos ilustres, historiadores, políticos, vigários, jornalistas e professores. Como ele revela em seu livro, “não pararei enquanto não tiver diante de mim a figura dele” (BRUZZI, 1953, p. 10). De fato, parece que Bruzzi conseguiu esse feito ao descrever o autor estudado com uma intimidade ímpar, tal como na passagem seguinte:

Aquêle homem silencioso, sóbrio, discreto, preconceituoso, que jamais saía do seu quarto, em sua própria casa, sem que estivesse inteiramente vestido e de gravata, que nunca pôs um chinelo no pé à vista de alguém, que nunca foi visto em mangas de camisa, que não bebia, não jogava, não fumava, que se deitava às dez horas e se levantava invariavelmente às cinco da madrugada, que jamais tomou intimidade com qualquer pessoa, que jamais deu intimidade a alguém, que nunca contou nem permitiu que lhe contassem uma anedota, que nunca deu uma risada, que jamais iniciou uma palestra, ficando sempre na posição de ouvinte, que não pararia na rua nem entraria em qualquer lugar público, com uma decaída aquêle homem, enfim, que atemorizava a todos pela circunspecção e pelo excessivo decoro com que pautava todos os seus atos é agora trazido para o altiplano da literatura nacional pelas mãos da mundana Maria Dusá (BRUZZI, 1953, p. 201).

Por meio deste excerto de informações sobre a vida do escritor, compreende-se o quanto foi minucioso o trabalho de pesquisa encetado por Nillo Bruzzi. Em sua pesquisa, pode-se visualizar, no escritor, a figura de um homem austero e reservado que viveu o modo de vida simples do sertão. Seu jeito provinciano, entretanto, não lhe tira o mérito de ser um homem à frente do seu tempo, imbuído de notável consciência social que lhe permitia, como jornalista e jurista, expor as verdades e os fatos da terra em que vivia de forma a propugnar as misérias e as calamidades públicas. Há nas suas obras, assim como nas de seus contemporâneos, o desejo da modernidade, tanto na proposta escrita quanto nas ideias que disseminava.

O livro de Bruzzi é detalhista e seria impossível trazer a este estudo todas as suas importantes considerações. A pesquisa de Bruzzi segue o curso linear, partindo da iminente curiosidade brotada por ocasião da conversa com Múcio Leão em 1952, passando pela jornada incansável aos arquivos históricos de vários lugares que poderiam abrigar vestígios da vida do escritor.

São citados diversos nomes que conheceram, conviveram ou ouviram falar de Rocha. Algumas pessoas são desconhecidas; outras afamadas. Os lugares, cidades, vilas e povoados por onde passou Lindolfo Rocha são sempre descritos com riqueza de detalhes na pesquisa. Também são mencionados acontecimentos políticos, históricos e pessoais relevantes à biografia do escritor com precisão de datas e horários. A leitura do livro de Bruzzi identifica o quanto um escritor como Lindolfo Rocha mereceria ombrear em prestígio e notoriedade aos

demais pré-modernistas, no cenário da nossa literatura. Seria necessário, pois, uma leitura atenta de sua produção ficcional, ou de parte desta, para acordar com o pesquisador.

Entretanto, em nota, o crítico Afrânio Coutinho discorda de que Lindolfo Rocha tenha sido esquecido pelos seus conterrâneos. Ele publica no *Diário de Notícias* o seguinte:

NOTA – Publico as notas que se seguem em atenção ao apelo de Múcio Leão e Nilo Bruzzi, no sentido de se esclarecerem as dúvidas quanto a Lindolfo Rocha. Não é verdade que os baianos se tenham dele descurado. Aloísio de Carvalho Filho, Almáquio Diniz a ele se referiram. Ramiro Berbet de Castro fez-se o campeão de sua reabilitação, tendo publicado, ao que me consta, na Bahia, alguns artigos (que não conheço) em que reuniu o resultado de pesquisas sobre a vida do escritor. Os dados que a seguir enfeixei decorreram também de investigações por mim procedidas em 1940-1941, em Salvador, e que foram interrompidas por motivo de viagem (CARVALHO FILHO *et al.*, 1953, p. 40).

Esta nota faz parte do capítulo do livro *Lindolfo Rocha* (1953) em que Coutinho escreve também parte de suas pesquisas investigativas acerca do escritor.

Aloísio de Carvalho Filho publica em 1923, na *Revista da Bahia*, um texto bastante esclarecedor sobre a vida de Lindolfo Rocha. Tivemos acesso ao texto, republicado posteriormente, na íntegra, no livro *Lindolfo Rocha* (1953). Nele, pudemos observar o quanto a pesquisa sobre a vida do autor mineiro, realizada por ele, já ia adiantada. No trecho “O Sr. LINDOLFO ROCHA, figura das mais brilhantes do jornalismo baiano no seu tempo, possuía apreciáveis qualidades de romancista” (1953, p. 3), Carvalho Filho já incluía o autor de *Maria Dusá* nas páginas da nossa literatura regional. Sobre o primeiro romance do autor e a técnica de sua escrita, ele não poupa elogios: “Pela técnica que lhe presidiu a feitura, e pelo sentimento de que estão cheias muitas de suas páginas, podemos capitulá-lo entre os melhores que se escreveram na Bahia, até aos nossos dias. [...]” (CARVALHO FILHO *et al.*, 1953, p. 3).

No texto ele destaca ainda o enredo do romance e a magnífica criação de seus personagens. Chega a compará-lo, no que diz respeito a evitar a pecha trivial dos romances comuns, à criação de duas obras do realismo e do romantismo português: *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, e *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Conclui suas considerações, creditando a Rocha um lugar de destaque na literatura brasileira:

Enfim, quem tão auspiciosamente se estreou no romance, não se deveria limitar a uma só produção, senão continuar no gênero, para que tinha acentuados pendores, sem distrair a sua inteligência, como depois o fez, para o conto, a crônica, a reportagem de jornal, formas de literatura sem os efeitos de imortalidade que o romance mais facilmente assegura, compensando,

aliás, o escritor do maior número de aptidões que lhe exige (CARVALHO FILHO *et al.*, 1953, p. 10-11).

Sentindo a escassez de estudo da expressiva figura literária do escritor mineiro, no ano de 1995, o historiador Eptácio Pedreira de Cerqueira dedicou-se a estudar o autor de *Maria Dusá* em seu livro *Lindolfo Rocha – O advogado do sertão* (1995). Conforme o pesquisador, Lindolfo Rocha “confessou-se ser mineiro” apesar de escolher definitivamente a Bahia como sua segunda pátria.

A vida do escritor gera algumas controvérsias. O próprio Múcio Leão anotou em seu livro uma curiosidade acerca da origem de Rocha:

Lavrista ou não, – e, não obstante ele próprio ter-se declarado de origem mineira à faculdade de Direito no ato de inscrição, todos os testemunhos o dão como originário de Andaraí, podendo-se admitir a hipótese por alguém aventada de que a mãe, moça solteira de Andaraí, teria ido a uma cidade mineira (Montes Claros é a hipótese mais plausível, pois a cidade era então o centro, para onde se voltavam os habitantes da zona) em busca de socorro médico, lá nascendo o futuro escritor (LEÃO, 1953, p. 48).

O epítome⁴ supracitado sobre a vida do escritor é resultado de um trabalho sério e minucioso de Cerqueira. Foram anos de pesquisas em arquivos públicos, jornais antigos, entrevistas no interior do sertão baiano e longas viagens. É interessante que se coloque a relevância em trazer para este estudo dados sobre a vida de Rocha, uma vez que seu nome e a sua obra estariam já na eminência de serem *inteiramente relegados ao desconhecimento geral*. E é propósito nosso contribuir para tirá-los dessa opacidade no meio literário, posto que o autor seja lido tão somente por alguns membros da academia.

Conforme pesquisa do biógrafo Cerqueira (1973), nasce Lindolfo Jacinto Rocha na cidade mineira de Grão-Mogol, zona de mineração de Minas Gerais, em 3 de abril de 1862. Filho de Manuel Jacinto Rocha e de Irene Gomes. Órfão de pai, menino pobre, mestiço, vive com a mãe e pouco se sabe da sua infância. Em 1880, chega a Bom Jesus dos Meiras (hoje cidade de Brumado – BA) aos 18 anos, sustentando-se com dar lições particulares e tocando pistão numa filarmônica local.

Transfere-se para a cidade de Maracás, Bahia, progredindo em sua formação intelectual indo à cidade de Salvador para prestar exames preparatórios, no Ateneu Provincial. Muda-se para Areia, onde cria o colégio primário São Vicente Ferrer. Em 1880, vai a Recife, a fim de se matricular na Faculdade de Direito, diplomando-se em 1882, em pouco mais de

⁴ Na tentativa de conhecermos um pouco mais da vida do escritor, extraímos informações importantes para a reconstituição da sua biografia do livro *O advogado do Sertão* (1995), de Eptácio Pedreira de Cerqueira.

dois anos. É nomeado juiz-preparador de Correntina, Bahia, onde permanece cerca de um ano. Deixa Correntina e se estabelece definitivamente em Jequié.

Libertário, republicano e, conseqüentemente, fervoroso abolicionista, promove intensa campanha pela melhoria das condições de vida da cidade e do povo sertanejo. Chega a escrever, em 1885, o poema *Tragédia na Selva – Quadros da Escravidão* –, protestando contra a escravidão, publicando-o no ano seguinte em Salvador.

Líder da emancipação política da cidade de Jequié, consegue que ela seja elevada à categoria de município no ano de 1887. Casa-se aos 35 anos com Áurea de Brito, vinte e um anos mais moça que ele. Após cinco anos como magistrado, demite-se do cargo e passa a exercer a advocacia. Aos 49 anos, vem a falecer, em 30 de dezembro de 1911, vítima de uma infecção intestinal, na cidade de Salvador.

Rocha foi notável conhecedor do sertão – nos seus aspectos físico, social e histórico: sua obra e sua inteligência estiveram constantemente a serviço dos interesses das regiões interioranas. Conforme Cerqueira, Lindolfo Rocha figura entre os “mais notáveis” jornalistas de seu tempo e fez da imprensa, seu apostolado. Grande colaborador do *Jornal de Notícias* e do *Diário de Notícias*, ambos da cidade de Salvador, publicou neles, além das cartas e notas de viagem pelo sertão baiano, diversos contos, que pretendia publicar numa coletânea intitulada *Livro de Contos*.

Sua produção literária é diversificada e vasta, especialmente quando se considera que sua morte veio na idade dos 49 anos. Escreve, em 1881, os primeiros versos no livro *Os Condenados da Rússia*. Em 1886 publica *Tragédia na Selva – Quadros da Escravidão*, seguido de *Bromélias* (1887) e *Flores Silvestres* (inédito), todas elas poesias. Além disso, deixa narrativas (cartas), romances, ensaios de direito, notas de jornalismo, escritos didáticos e contos. Nela se agrupam *O Santuário da Lapa* (1886), *Notas de Viagem* (1893), *Robério Dias* (inédito), *Dote e Regime Dotal* (1899), *O Ouro é tudo*, *Cartas do Sertão* (1902 a 1904), *Iacina – Dispersão dos Maracaiaras* (1907), *O Pequeno lavrador* (1909), *Maria Dusá* (1910) e outros. Deixou ainda dois romances em preparação que, segundo Múcio Leão, é possível que venham a ser encontrados e publicados: *O Monge da Lapa* e *A Carne Escrava*. De fato, o escritor norte-mineiro foi pouco conhecido para o muito que escreveu.

No prefácio do livro de Cerqueira, o escritor Hélio Pólvora de Almeida declara ser Lindolfo Rocha um ficcionista portador de exímia originalidade em compor sua prosa sertanista; considera-o um escritor universal que já ultrapassava os moldes da ficção oitocentista.

Conforme Almeida,

Uns atribuem a Waldomiro Silveira, contista, o lançamento do regionalismo em nossa prosa de ficção. Outros, a Afonso Arinos. Não queremos polemizar quanto a datas, apenas devolver a Lindolfo Rocha o reconhecimento que o silêncio lhe tem sonogado. E este reconhecimento o inclui entre os fundadores da prosa regional brasileira. Muito mais do que da prosa sertaneja, para não dizer caipira, de Waldomiro Silveira; ele inaugurou, em verdade, a prosa sertanista pelo tema e pela configuração geográfica, mas de vocação universalizante (ALMEIDA *apud* CERQUEIRA, 1995, p. 9).

Sobre a postura de alguns escritores em difundir uma produção artística que visava ombrear com as transformações históricas da época, Sevcenko (1983) declara que, no início do século XX, as correntes realistas ainda predominavam na ficção com aparentes intenções sociais. Os escritores, assim como Rocha, inspiravam-se ainda nos eflúvios do positivismo, do liberalismo e do humanitarismo, características prevaletentes da *Belle Époque*.

Para Hélio Pólvora, já se fazia notar, na escrita de Lindolfo Rocha, o advento de uma nova estética, ainda que alinhada a um realismo social do século anterior:

Essa capacidade de enxergar além da linha do horizonte, ou de perscrutar, a olho nu, o território que o regionalista moderno João Guimarães Rosa chamou de “terceira margem” (a terceira dimensão da escrita), era em Lindolfo Rocha um sexto sentido, uma intuição admirável, um rasgo de audácia em relação à sua época (ALMEIDA *apud* CERQUEIRA, 1995, p. 10).

Apesar de tais considerações, Lindolfo Rocha cai no esquecimento. Epiácio Cerqueira relata em seu livro o seguinte:

Em artigo no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, 1954, Adonias Filho – um dos críticos que lhe foram mais propícios – fez observações incisivas: após tantos anos de esquecimento, em que críticos e historiadores da literatura ignoravam a sua obra e o seu nome, o romancista de *Maria Dusá* “reaparece interessando, preocupando, a curiosidade tão forte que se pode falar com rigor em caso literário. É realmente estranho que publicado em 1910, apenas hoje [1954] começa a ser conhecido o seu melhor romance e aceito como um dos livros de base na ficção brasileira” (CERQUEIRA, 1995, p. 114).

A menção do jornalista, escritor e crítico literário Adonias Filho como um dos admiradores do trabalho de Rocha permite outorgar ao escritor de *Maria Dusá* o autêntico lugar ao lado de prosadores regionalistas reconhecidos como Afonso Arinos, Alcides Maia e Simões Lopes Neto.

No estudo de Lúcia Miguel Pereira, apesar da crítica tenaz ao autor, afirmando ser por vezes sua narrativa tesa puxada para o pernesticismo, ela não lhe tira o mérito de “escritor desigual, fluente e vivo” (PEREIRA, 1973, p. 209). Miguel Pereira afirma sentir em Lindolfo Rocha um verdadeiro romancista e

[...] em *Maria Dusá* uma aproximação do verdadeiro sentido da literatura regionalista: o estudo da natureza humana dentro de determinado quadro social e natural, que lhe condiciona as reações sem contudo modificar-lhe a essência, a identificação das criaturas com o seu meio que, longe de as absorver e nivelar umas às outras, como que lhes confere maior relevo (PEREIRA, 1973, p. 209-210).

Lúcia Miguel Pereira completa o seu raciocínio dizendo que “Lindolfo Rocha fez um livro de boa qualidade, precioso como documentário, sem deixar de ser, sobretudo, um romance, criando a sua própria verdade” (PEREIRA, 1973, p. 212).

São essas considerações, realçadas pela percepção crítica de Lúcia Miguel Pereira, que permitem ir-se delineando um retrato de escritor que inseriu a sua autenticidade na prosa regionalista a qual praticou. Em suas narrativas, tanto na obra *Iacina* quanto em *Maria Dusá*, Rocha traça um panorama da vida sofrida do sertão brasileiro e *das vastas solidões do interior baiano*. São verdadeiros quadros da natureza, pintados sob a pena do escritor.

Nesse ambiente de renovação estético-literária, Lindolfo Rocha se posiciona ao lado dos demais escritores que, neste período, escreviam suas obras considerando, com traços verossímeis, os costumes locais, a linguagem e os tipos que compunham a prosa regionalista. Pode-se dizer ainda que Rocha se enquadra no chamado *sertanismo*, tendência estética que despontava como a mais autêntica expressão do regionalismo. Esse veio literário trazia, na prosa ficcional, a valorização das personagens e do sertão, representando o Brasil nas diversas culturas, tradições e linguagens.

Afrânio Coutinho identifica blocos distintos de produções literárias ao longo dessa tendência regionalista e estabelece critérios para os estudos desenvolvidos no panorama literário brasileiro, denominando-os de ciclos de literatura regional. Assim, Coutinho postula que “o regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional” (COUTINHO, 2004, p. 237) e, por tal motivo, que as “regiões não dão lugar a literaturas isoladas, mas contribuem com suas diferenciações para a homogeneidade da paisagem literária do país” (COUTINHO, 2004, p. 237).

Compondo o Ciclo Baiano da literatura regional, ao lado de Xavier Marques, Fábio Luz, Afrânio Peixoto, Martins de Oliveira, Heberto Sales, Adonias Filho e outros, Coutinho

considera o nome do escritor mineiro, afirmando que “em Lindolfo Rocha, porém, o que sobretudo impressiona é a permanência do plano interior, a lenta escavação psicológica, a imersão jamais anulando a paisagem, intencionalmente feita para não mutilar a fisionomia da terra” (COUTINHO, 2004, p. 267).

Esse grupo de escritores, segundo o crítico, conseguiria delimitar o que seria verdadeiramente o “romance baiano” com suas peculiaridades, seus costumes e hábitos, suas variedades de temas, que iam do garimpo à seca, da pesca à produção de cacau, do alambique ao pastoreio. Para Coutinho, o Ciclo baiano é um dos blocos mais densos na literatura brasileira, configurando uma prosa mais realista e menos psicológica, conforme a percepção da expressão estética individual de cada escritor.

Destarte, Lindolfo Rocha reflete na sua escrita todo o conhecimento que adquiriu em suas viagens pelo sertão baiano. Registra, com a riqueza de detalhes que lhe é peculiar, a paisagem enfezada da seca, o sofrimento vivenciado pelas personagens com seus conflitos psicológicos.

Sem dúvida, todo o material ficcional colhido por Rocha é fruto de suas andanças pelo interior da Bahia. Primava o escritor por exímia capacidade em transformar a realidade do meio em densas e minuciosas narrativas, onde o homem mantinha estreita relação com a terra. Seu olhar observador servia de lupa para descrever outras duas personagens fortes que também figuravam nos romances no sofrido interior baiano em início do século XX: a seca e o garimpo.

Cerqueira aplica a Lindolfo Rocha a expressão de “viajante infatigável”, pois fato é que, devido as suas inúmeras viagens, o escritor armazenou uma gama de conhecimentos que lhe serviria de matéria prima para as suas narrativas:

Viajar – é a suprema delícia dos espíritos investigadores ou simplesmente curiosos. Desde a mais remota antiguidade, são célebres o saco e o bordão peregrino. Era nessas viagens que se estreitavam as relações entre povos e diversas raças. Era nessas viagens que a lira de Homero, o cego divino, vibrava, por vezes, a corda cosmopolita, sufocando ou abrandando as rivalidades entre vizinhos, levando a todos as cintilas brilhantes de seu gênio incomparável (ROCHA *apud* CERQUEIRA, 1995, p.65).

Esse trecho que Cerqueira traz em seu livro está em *Notas de Viagem*, que o autor publicou em 1892. Rocha reproduzia em sua obra literária as imagens do sertão ora generosamente poéticas, ora pungentes ou despidas de poesia. Ele compreendia o sertão na

sua mais dura e fatigante vivência. Ele constrói, no romance *Maria Dusá*, um texto verossímil com o contexto social da época.

Nas estradas, de espaço a espaço, encontravam-se quadros vivos da mais completa consternação. Aqui, um velho, cercado de filhos e netos famintos, num cirro interminável de durar dias e dias; ali, um desventurado pedindo pelo amor de Deus um punhado de farinha para que o filho pudesse morrer; adiante a figura esquelética doutra *mater dolorosa*, na última agonia, deixando que o filhinho lhe sugasse a derradeira gota de leite sanguinoso. (ROCHA, 2001, p. 19).

Candido *et al.* (2011) nos lembram de que os escritores realistas do século XIX utilizavam, no trabalho da escrita ficcional, a técnica de convencer pelo exterior, ou seja, uma aproximação com a realidade observada.

Uma dessas viagens do escritor mineiro, memorável e detalhada pelo historiador Epitácio Cerqueira, foi realizada em 24 de setembro de 1892 no percurso de Juazeiro a Bom Jesus da Lapa, na Bahia, a bordo do Saldanha Marinho⁵, primeiro vapor a sulcar as águas do Rio São Francisco. Nessas longas e fatigantes viagens, o escritor não se cansava de anotar minuciosamente o que observava. Transportava para as narrativas o espaço real e exibia, em sua prosa, características realistas, embora fosse um escritor que tendesse à transição, pois evidenciava na escrita caracteres concernentes a uma nova estética de linguagem pré-moderna. Prova disso é que tanto a seca como o garimpo ombreiam, junto às suas personagens, em grau de importância no romance.

Assim foi em *Maria Dusá*, assim foi em *Iacina* (1908), seu primeiro romance histórico indianista a ser publicado. Resultado de uma viagem realizada em 1883 pelo interior da Bahia, cidade de Jequié, a obra não idealizava o indígena, porquanto o intuito era escrever sobre os “verdadeiros” e não os “imaginados” costumes dos índios do interior do Brasil. Nesse livro, a exemplo de Euclides da Cunha, Rocha discute questões de cunho social, etnológicas e antropológicas. Dedicou-se com afinco – vinte anos – aos estudos sobre os índios, traçando com rigor pormenores das instituições sociais daquelas populações.

A exemplo disso, o antropólogo Cerqueira traz em seu livro *Cartas aos Colegas* um depoimento do próprio autor publicado no *Diário de Notícias* de Salvador:

⁵ Saldanha Marinho era uma barca a vapor de dois andares, vinda do rio Mississipi (EUA). Foi armada em Sabará (MG), quando se tentava a navegação do rio das Velhas. O vapor encontra-se atualmente à exposição na cidade de Juazeiro (BA). Informação retirada de nota explicativa em *Lindolfo Rocha – O advogado do Sertão* (1995).

Nele *os meus selvagens* falam, pensam e otram como selvagens e não como apraz ao nosso público em geral. Concorreu também para isso o desejo sincero que tenho de ver fundada uma verdadeira literatura nacional. Em literatura, eu quero o livro como fotografia colorida, uma pintura da natureza, do indivíduo, do meio social (ROCHA *apud* CERQUEIRA, 1995, p. 102).

Percebe-se nesta nota o quanto em Rocha, assim como em seus contemporâneos, efervescia o desejo de uma literatura oposta à idealização da estética romântica e aproximada do rigor descritivo realista. Apesar do lirismo e de sua beleza literária, *Iacina* é um estudo profundo de etnografia indígena. Conforme a crítica: “A prosa de ficção, expressa em romances e contos, bifurcar-se-á nas vertentes realista e naturalista” (MOISÉS, 2001, p. 20). A produção literária nacional caminha para a maturidade no cenário que traduzia as tensões políticas, econômicas e sociais. Rocha não estava alheio a isto, pois mesmo vivendo na contramão dos grandes centros urbanos, tratava em sua obra das relações tensas e dos problemas vivenciados pelos brasileiros.

Aproximações: identidades construídas no período pré-modernista

Lúcia Miguel Pereira observou em seus estudos que as mudanças acontecidas no Brasil, no final de século XIX, foram consequências da abolição da escravatura e que, talvez, tenha sido o ano de 1888 um dos momentos mais decisivos na evolução do país. Nesse instante, em que os escritores absorvem as influências sociais e econômicas da época, os chamados “regionalistas” revelam grande desejo de valorizar cada vez mais elementos nacionais.

Diversos críticos apontam Valdomiro Silveira e Afonso Arinos como legítimos pioneiros deste movimento regionalista. Pereira, entretanto, inclui o nome do escritor em estudo, declarando em seu livro que, ao lado de outros escritores reconhecidos, “[...] Lindolfo Rocha, na Bahia, empreendeu o romance, fez o regionalismo menos rígido, permeável a concepções mais gerais do homem, ganhando em humanidade o que perdia em pitoresco” (PEREIRA, 1973, p. 184).

Pereira declara que, em princípio de século, Euclides da Cunha surgia com uma escrita grandiosa e opulenta em *Os Sertões* (1902). Devido à recepção calorosa da obra euclidiana, muitos escritores servem-se da sua esteira como ponto de apoio na escrita ficcional.

Publicado em 1902, *Os Sertões*, na reflexão de Massaud Moisés, “[...] é o canto de cisne de Euclides” (MOISÉS, 2001, p. 223). Fusão de realidade histórica e imaginação, a obra

se constitui numa criação híbrida de expressão literária e anunciava “[...] o término do ciclo romântico de nossa visão idílica da história pátria, [...] indicava a superação ainda que parcial, dos vínculos com a literatura portuguesa, [...] inaugurando a modernidade” (MOISÉS, 2001, p. 235).

Candido faz ressalva, indicando que, início do século XX, a literatura se caracterizava ainda por uma acentuada inconsciência dos escritores sobre as transformações que operavam no panorama brasileiro. Só alguns deles se ajustavam ao novo tempo e superavam as ideias do passado.

Neste mesmo ano, 1902, Graça Aranha publica *Canaã*. Considerado um romance social, não regionalista e muito menos realista, o romance impregnava-se de poesia, conceitos e críticas. Esse espírito ebulhoso, traço característico do escritor maranhense, é que o introduziu mais tarde no movimento modernista.

Segundo Pereira, Graça Aranha aborda em sua obra literária a sua filosofia estética:

Discípulo de Tobias Barreto no Recife, foi, muito moço, todo imbuído das teorias e doutrinas do mestre, nomeado juiz municipal em Porto de Cachoeiro, no Espírito Santo. Era o seu primeiro contato com o interior do Brasil, com a natureza e com a gente. [...] As suas experiências desse tempo passariam, alguns anos depois, para o Canaã (PEREIRA, 1973, p. 245-246).

Observações positivas sobre o escritor fez também Alfredo Bosi, que o considerou como um dos vultos mais importantes da ficção pré-modernista, pois expressava atitude frontalmente antipassadista e inovadora da revolução literária brasileira em suas obras. Sobre *Canaã*, por exemplo, Bosi afirma:

Há nesse romance uma vontade programática de ser moderno. Desde as ideias gerais, que vinha defendendo de longa data, até o léxico e os torneios sintáticos, o autor se propõe construir um livro dinâmica e nervosamente antitradicional (BOSI, 1973, p.111).

Esse breve retrospecto e as peculiaridades do contexto da produção literária, notadamente desses dois autores, servem a este estudo como elemento de análise e comparação, com o fito de trazer à luz a obra do mineiro Lindolfo Rocha. A linguagem ficcional desses escritores, cada qual com as suas particularidades, sinalizava para uma nova estética nas letras brasileiras. Intérpretes da realidade em que estavam inseridos e problematizando situações a fim de representarem imagens da nacionalidade cultural na ficção, a linguagem recriada por eles, mesmo no plano literário, espelha a língua do povo,

indissociável das tradições, estabelecendo uma original relação entre a oralidade e a escrita, agregando-se às diretrizes da estética pré-modernista.

A busca dessa consciência crítica dos problemas nacionais é revelada, seja em *Os sertões*, *Canaã* ou em *Maria Dusá*. Percebemos que, apesar de geograficamente separados, Rio de Janeiro, Bahia e Maranhão viviam em comunhão com aquilo que se passava de mais importante na sociedade brasileira da *belle époque*. Não é difícil encontrar, no decorrer do enredo dessas obras, uma descrição, uma imagem, mesmo que poética, da realidade vivenciada por cada um.

A respeito do romance *Maria Dusá*, Sodré observa que

O sertanejo, já em outra região, proporcionou o romance de Lindolfo Rocha, *Maria Dusá* (1910), em que a ficção tende bastante ao documentário, mas em que há cenas fortes e sempre lembradas pelo leitor, a que transmite a sensação poderosa da força com que o meio domina as criaturas (SODRÉ, 1969, p. 415).

Se observarmos melhor, teremos numa mesma época Lindolfo Rocha, no interior baiano, registrando com fidelidade o quadro social das lavras; Euclides da Cunha vivenciando, em pleno sertão baiano, um conflitante acontecimento histórico em Canudos; e Graça Aranha manifestando em sua escrita o choque de duas culturas, no interior do Espírito Santo. Essas obras, não obstante gravitarem em torno de personagens centrais, traziam à tona personagens secundários, como questões que incomodavam o espírito aguerrido dos escritores: a seca, a fome, o garimpo, a prostituição, a problemática imigratória, a luta de classes, enfim, as mazelas físicas, mentais e sociais de um Brasil Pós-monarquia.

É importante ressaltar que, assim como Graça Aranha, Augusto dos Anjos e diversos escritores da época, Lindolfo Rocha sofreu influências da Escola de Recife. Muito embora essas influências se pautassem pela retórica e formação jurídica, em especial com Aranha e Rocha, as ideias ali infundidas serviram para acentuar a renovação estética que lhes aproximavam também do grande escritor do novo modelo de literatura, Euclides da Cunha.

N’*Os Sertões*, Euclides denunciava o crime e a carnificina de Canudos e apresentava em lupa as questões abafadas pelo governo, o caminho da loucura e do fanatismo. Desfilava na escrita o flagelo da seca e a luta do sertanejo com o meio. Descrevia o sofrimento lancinante nos chapadões e nos montes baianos. Bosi observa que, na escrita euclidiana, “Vemos um litoral ‘revolto’, ‘riçado de cumeadas’ e ‘corroído de angras’ e escalando-se em baías, repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos” (BOSI, 2006, p. 310). Em *Os Sertões*,

O flagelo das secas propicia ao escritor os momentos ideais para pintar com palavras de areia, pedra e fogo o sentimento do inexorável. Desfilam paisagens comburidas e adustas (para usar de dois adjetivos que lhe são caros), mas não mortas, pois o escritor soube traduzir a agonia das plantas fugindo ao calor em batalha surda e tenaz (BOSI, 2006, p. 310).

Euclides em sua obra apresenta as suas “primeiras impressões” da terra sertaneja que lhe serve de anfiteatro. Em longas descrições, assim como Rocha, ele compõe a cena: “É uma paragem impressionadora. [...] Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua. [...]. O Sol é o inimigo que é forçoso evitar, iludir e combater” (CUNHA, 1998, p. 46-47).

Com a mesma habilidade na escrita de um arguto observador, Lindolfo Rocha se embrenha nesse fazer literário que, semelhante a Euclides, traduz a agonia do sertão baiano: “Em grandes extensões de terreno não se vislumbrava sinal de clorofila senão no *Icó*, a planta que resiste a todas as secas, e nas diversas espécies de cactos, entre as quais sobressaíam o *mandacaru*, a *palmatória* e o *xiquexique* formando este sempre e em grande cópia os grandes e bizarros candelabros de Humboldt” (ROCHA, 2001, p. 18). Em *Maria Dusá*, o escritor confere à seca a condição de personagem, não a dissociando da trama da narrativa. Os dois escritores, por similaridade, comparam a vegetação da caatinga aos grandes candelabros de Humboldt. É um elemento distante da cultura regional, porém denota o conhecimento universal dos dois escritores.

Também a obra *Canaã* marca fundamentalmente a nossa evolução literária. Valendo-se de sua vasta experiência, Graça Aranha faz das suas personagens elementos de construção no plano ficcional. Estrutura a obra em torno das relações dos indivíduos entre si e com o meio, tendo como núcleo da narrativa o choque das raças.

Há, sem dúvida, sensíveis semelhanças entre eles e, considerando essas aproximações, os autores pincelam um mosaico literário; tornam-se contemporâneos num só ideal: trazer o Brasil para perto dos brasileiros. Mesmo em culturas distintas há uma forte comunicação entre Rocha, Euclides e Aranha por força do panorama social do país em início de século. Universais, mas acima de tudo, brasileiros, são eles portadores de uma grande expressividade que emerge na escrita e no tom das narrativas.

É importante observar aqui o pensamento social que orbitava a obra ficcional dos três autores, salientando que a obra euclidiana gravitava mais para a historiografia e em Graça Aranha e Lindolfo Rocha se via uma narrativa ficcional, tendo como pano de fundo o meio em que viveram.

Se considerarmos essas confluências entre os escritores causa-nos estranhamento o fato de que Lindolfo Rocha tenha caído no esquecimento. Sendo um escritor pobre, órfão de pai e mulato, num país marcado fortemente pela marginalização do negro, Rocha poderia ter sido colocado à margem devido à ideologia não valorativa do negro, no Brasil pós-escravidão, pelos intelectuais da época. Mas, contrariando esta proposição, deparamo-nos com histórias de vida semelhantes, como a de Machado de Assis e de Lima Barreto, que se tornaram cânones na literatura nacional. Machado teve seu talento reconhecido em vida e cresceu em importância, transformando-se no grande vulto de nossas Letras. Lima Barreto foi combatido e esquecido, só recebendo o devido reconhecimento, na década de 50 do século XX. Assim, não nos parece suficiente afirmar que teria sido a questão étnica a determinante do limbo literário em que se viu confinado Lindolfo Rocha. Da mesma forma, o afastamento geográfico do eixo cultural do Rio de Janeiro e de São Paulo não pode, por si só, explicar sua pouca relevância na historiografia brasileira. Muitos fatores – incluindo os mencionados acima – parecem ter confluído para que sua escrita, pioneira em muitos tópicos, e dotada de qualidade literária, fosse esquecida. Em 1969, Sodré já considerava que o escritor mineiro estava a merecer pesquisas e estudos.

Um acontecimento lastimável pode ter contribuído para a não publicidade da sua obra. Conforme relata Lúcia Miguel Pereira, em nota de rodapé nº 265: “A não ser *Maria Dusá*, seus livros são hoje raridades pois perdeu-se no incêndio da Livraria Dois Mundos da Bahia quase toda a edição de *Iacina*, e no da Biblioteca Pública, causado pelo bombardeio de Salvador” (PEREIRA, 1973, p. 209).

Outro episódio relevante que pode ter contribuído para esse estar à margem do cenário literário diz respeito aos registros deixados pelo escritor, que, após seu falecimento, foram destruídos pela viúva Áurea Augusta de Brito, a fim de que não lhe restasse nenhuma lembrança. Bruzzi relata essa passagem da seguinte maneira:

Não tendo instrução suficiente para avaliar o valor literário do esposo morto – pois desde que o perdera jamais foi alertada para isso por qualquer pessoa (e nisso está o abandono dos baianos por seu grande romancista) foi sem qualquer reação que viu a destruição de todos os inéditos deixados pelo marido morto, a fim de que não lhe restasse lembrança dele, para satisfação do ciúme póstumo do que o substituiria (BRUZZI, 1953, p. 198).

Podemos assertar ainda que muito dessa ausência do reconhecimento de Lindolfo Rocha tem a ver com o temperamento arredo do próprio escritor. A esse respeito, Bruzzi

informa que o autor tinha um “feitio sem ânsia de notoriedade, contentava-se trabalhando, não o movendo nenhuma pressa na divulgação do que escrevia” (BRUZZI, 1953, p. 117).

Esse jeito ensimesmado no trato com as suas produções se deve, em parte, a um fato acontecido quando ainda jovem, também relatado por Bruzzi. O episódio aconteceu no ano de 1885, quando aos vinte e três anos Lindolfo Rocha escreve alguns versos com o título *O despertar* e os envia à revista literária *Semana*, editada no Rio de Janeiro por Valentim Magalhães, um intelectual medíocre, apesar de ser constantemente elogiado pelo círculo literário como gênio nacional. Segundo Bruzzi,

Não conhecia Lindolfo a coceira inofensiva da *rodinha literária* e do *elogio mútuo*, que sempre houve pelo Rio. Mandou os versos. Era moço, e tinha boa fé. No número 27 de junho de 1885, na seção que tratava das colaborações enviadas, saiu uma nota dizendo que os versos eram corretos e feitos com certo capricho, mas que o assunto era gasto. Não foram publicados. E nunca mais Lindolfo Rocha enviou colaboração para o Rio, nem qualquer publicação sua para a Biblioteca Nacional ou para os escritores aqui residentes. Tomou-lhes nojo. Riscou do seu mapa a capital do país (BRUZZI, 1953, p. 40).

Esse fato denota o quanto o escritor mineiro era abstraído e alheio, em sua vida reclusa:

Sua atividade intelectual era, pois, intensa e isolada, porque vivendo num meio inteiramente desligados desses assuntos de arte, e sendo além do mais, introvertido, trabalhava sem troca de idéias, sem debate sobre qualquer tema, sem qualquer emulação que o pudesse estimular (BRUZZI, 1953, p. 141).

Assim, entendemos que a conduta do indivíduo diferente, que escolheu a reclusão e o comedimento, pode ter contribuído seriamente para que ele fosse marginalizado.

No artigo “A questão do Cânone” (1995), síntese de uma pesquisa, Zahidé Lupinacci Muzart traz um trecho que endossa a questão de como seria o caminho para se estar dentro do cânone. Afirma ainda que isto é antigo e remonta ao século XIX, explicando que:

Estar dentro das normas é estar bem com seus pares, é frequentar as rodinhas da Garnier ou os cafés da moda, ter seus livros recebidos com notas elogiosas e artigos críticos. Os rituais de aceitação e posterior canonização incluem atos de sociabilidade aos quais alguns autores esquecidos não se submeteram (MUZART, 1995, p. 87).

Podemos seguramente incluir, entre esses “esquecidos” de que fala Muzart, o nome de Lindolfo Rocha. Como um infatigável leitor e crítico de si mesmo, pensava ele que se tivesse

alguma obra que viesse a ser aclamada pelo público, não seria por esforço seu e sim por mérito da própria obra.

Muzart é categórica em afirmar que, na contemporaneidade, a universidade brasileira estuda preferencialmente os escritores já canonizados e expõe indagações pertinentes a este respeito, como por exemplo: por que alguns entram neste círculo e outros não? Seria estilo? Temas? Seriam menos modernos? Modismo? E assevera que os motivos que levam à canonização são complexos e ligados a diversos fatores, mas que o caminho da mesmice e o da facilidade é mais cômodo. Para ela, atualmente só é canonizado aquele escritor que vence o poder das universidades e dos blocos de influências.

Afirma a pesquisadora que “o estudo do cânone está ligado, pois, a várias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros” (MUZART, 1995, p. 86). De acordo com Muzart, muitos escritores que foram canonizados num determinado período podem ser esquecidos noutro, assim como aqueles que foram esquecidos poderão ser reconhecidos.

De igual maneira também postula Candido, considerando que determinados fatores influenciam na visibilidade da obra e no destino do escritor, entre eles o de que “a matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público” (CANDIDO, 2000, p. 68). O crítico é mais contundente quando afirma que todo escritor depende do público e sem este o autor não se revela, perde a referência de si mesmo necessária à sua autoconsciência.

Deixou o escritor de Grão Mogol muitos escritos inéditos e outros incompletos, sendo que, na totalidade, publicou poucos. Para se ter uma feição completa de Lindolfo Rocha, Bruzzi observa que “o curioso de sua vida literária é que também não tinha maior atração pela divulgação do que escrevia. Escrevia e guardava” (BRUZZI, 1953, p. 142). Por isso, o desejo de se ocultar, vivendo neste isolamento literário, talvez seja uma das causas de a sua obra não ter encontrado a devida ressonância junto ao público.

Candido nos aponta um fato curioso sobre a recepção e agregação da obra literária junto ao público. Como influência social ele indica a questão dos valores que são manifestados sob a ótica da moda, do gosto e do meio, por exemplo. Segundo ele, “a sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea da nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos

padrões” (CANDIDO, 2000, p. 32). Sabemos assim que fazemos juízo de valor muitas vezes conforme determinação direta do meio em que vivemos.

Certo é que o panorama literário é complexo quando se trata de definir a receptividade da obra sobre o público, a posteridade da mesma e o reconhecimento do seu criador.

Destarte, a orientação da obra literária e o destino do seu criador dependem do público, conforme Candido. O escritor jamais poderá desprezá-lo, acomodando-se em satisfação própria ou no valor imperial e tão somente de sua obra, como pensava Lindolfo Rocha.

Então, são fatores consideráveis para aceitação do escritor e de sua obra a presença ou ausência do público, visto que a revelação da obra é a revelação do próprio artista e isto se torna mais complexo em termos de posteridade.

Segundo Bruzzi, quando se lê a obra de Lindolfo Rocha não podemos deixar de pensar que é uma escrita fadada a sobreviver, porquanto o ambiente sendo regional, os seus personagens são universais por seus sentimentos, ações, gestos, enfim, por suas vidas: “É Ema Bovary num lugarejo do interior da França, partindo para o mundo inteiro... É Maria Dusá no sertão da Bahia, saindo pelo mesmo caminho para trilhar a mesma estrada e chegar aos mesmos lugares...” (BRUZZI, 1953, p. 191).

Assim, quando deparamos com nomes de escritores esquecidos pelo público ou não reconhecidos, não pretendemos por óbvio inseri-los no cânone, mesmo porque a questão da formação do cânone na literatura é complexa e multifacetada. Torna-se muito mais dificultoso quando o escritor, depois de morto, já caiu no esquecimento. A palavra aqui talvez seja a de resgatar o texto desses autores, como diz Muzart: redescobri-los em outras leituras e incluí-los no espaço de uma literatura nacional.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. Um escritor da província. In: ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 3-6. (Edição original: 1910.)

BARBOSA, João Alexandre. O cânone na história da literatura brasileira. *Organon*, Porto Alegre, v. 15, n. 30-31, p. 17-31, 2001. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29708/18366>. Acesso em: 20 set. 2013.

BECHARA, Evanildo (Org.). *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOSI, Alfredo. *A Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. v. V, O Pré-Modernismo.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BROCA, Brito. *Naturalista, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: Editora UNICAMP, 1991. v. 5.

BRUZZI, Nilo. *O homem de Maria Dusá*. Rio de Janeiro: Ed. Aurora, 1953.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CANDIDO, Antonio. O escritor e o público: In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Publifolha, 2000. p. 83-98. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CANDIDO, Antonio *et al.* *A personagem de ficção*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARVALHO, José Murilo. Aspectos históricos do Pré-Modernismo brasileiro. In: CARVALHO, José Murilo *et al.* *Sobre o Pré-Modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. p. 13-20.

CARVALHO FILHO, Aloísio de *et al.* *Lindolfo Rocha*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953.

CERQUEIRA, Epitácio Pedreira de. *Lindolfo Rocha: o advogado do sertão*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

CORRÊA, Almir Aquino. Historiografia, cânone e autoridade. In: CELLIP – CONGRESSO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 8, 1995. *Anais...* Umuarama, 1995. p. 323-328.

COUTINHO, Afrânio. *Conceito de Literatura Brasileira (Ensaio)*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

COUTINHO, Afrânio. Um sertão rude e belo. In: ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 2-6. (Edição original: 1910.)

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 4-399.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

LEÃO, Múcio. Maria Dusá. In: CARVALHO FILHO, Aloísio de *et al. Lindolfo Rocha*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953. p. 36-39.

LEITE, Lígia C. M. Sobre João Simões Lopes Neto. In: CARVALHO, José Murilo *et al. Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. p. 143-154.

LIMA, Luiz Costa (Org.). *A Literatura e o Leitor – Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LOPEZ, Luiz Roberto. *Cultura Brasileira: de 1808 ao pré-modernismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/MEC/SESu/PROEDI, 1998.

MOISES, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. v. II, Realismo e Simbolismo.

MOISES, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. v. III, Modernismo.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 3, p. 85-94, 1995.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção – de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001. (Edição original: 1910.)

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1969.

TELES, Gilberto M. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VILLAR, Mauro de Salles (Org.). *Dicionário Houaiss Conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.

Artigo recebido em setembro de 2015.

Artigo aceito em novembro de 2015.